

# GRANDEZA E MISÉRIA DO HOMEM NO PENSAMENTO DE BLAISE PASCAL

Roberto Mourtada HAKIM<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Pascal (1623-1662), filósofo cristão, viveu em um período em que se via confrontado por um lado, com o clima de um ceticismo terminal e de outro, com o início do racionalismo. Como cristão, foi influenciado pela leitura dos escritos bíblicos, principalmente de São Paulo. Por todas suas leituras e sua vivência em situações conflitantes no decorrer de sua vida Pascal tornou-se um pensador preocupado com a condição miserável do homem, que, para ele, vive tragicamente entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, dilacerado entre o nada de onde saiu e o infinito que o envolve, incapaz de abarcar tanto seu princípio quanto seu fim.

Para Pascal, o conhecimento, ou melhor dizendo, a capacidade da razão para conhecer é infinita, porém o ser humano percebe-se limitado pela sua própria natureza física. O infinito é verificado pelas ciências. Entretanto, por mais que o universo seja estudado pelo homem, ele não consegue entender a sua presença neste espaço infinito. O que ele representa, qual o motivo da sua existência? Cita no fr. 66 "... *Um nada em face do infinito, um tudo em face do nada, um meio entre o nada e o todo. Infinitamente longe de compreender os extremos,*

<sup>(1)</sup> Mestrando em Filosofia da PUC-Campinas, bolsista CAPES.

*o fim e o princípio das coisas, estão, para ele, envoltos para sempre num mistério impenetrável, e é igualmente incapaz de ver o nada de onde foi tirado e o infinito que o rodeia por todas as partes.”*

O homem percebe que consegue progredir através da razão, mas frustra-se ao deparar-se com a limitação gerada diante da sua incapacidade de saber o motivo de sua existência, que a razão não consegue explicar. Necessita, então, apegar-se a coisas passageiras de modo a não permitir o tédio de uma reflexão sobre sua existência, resultando em tristeza e vazio que poderão transformar-se em desespero. Nesta inquietude, o papel do coração seria o da busca do verdadeiro bem, aquele que não se encontra nos objetos, pois, sendo perecíveis, são efêmeros e o que o homem busca verdadeiramente é o bem duradouro, é o amor.

Isto só seria possível se o homem aceitasse Deus como seu princípio, podendo assim buscar o verdadeiro bem. Caso contrário, continuaria criando “verdades” tão perecíveis quanto ele próprio, mantendo-se assim o problema. A distância infinita entre dois infinitos mostra que a razão não consegue alcançá-los. Poderíamos conhecer o universo, porém, não conseguiríamos esgotá-lo. Tudo o que não conseguimos mensurar pela razão seria como se não existisse, pois esta limita nosso conhecimento a provas concludentes. Segundo Pascal, em sua citação no fr. 66 “...*Por não haverem contemplado esses infinitos, os homens se aplicaram temerariamente à pesquisa da natureza, como se tivessem alguma proporção com ela. É estranho que tenham querido compreender os princípios das coisas e por esse meio chegar a conhecer tudo, com uma presunção tão infinita quanto o seu objeto. Pois é indubitável que não se pode formar tal desígnio sem uma presunção ou sem uma capacidade infinita, como a natureza.*”

## **A RAZÃO, O CORAÇÃO E A FÉ**

A natureza provoca a inquietude no homem, e é através desta que ele busca o conhecimento. Seria uma tentativa de descobrir

o porquê de sua existência ou a busca do Criador. Isso, segundo Pascal, é impossível pela razão, dada a existência dos infinitos que não damos conta de atingir. Por esse motivo, o homem, através de suas buscas e de sua insatisfação, acaba apegando-se a coisas passageiras, idolatrando-as para tentar justificar a existência dentro dos parâmetros oferecidos por esta razão. A esta razão Pascal chama "*esprit de geometrie*", que seria a forma de conhecimento que analisa, decompõe a realidade em partes, calcula, "pensa a partir de princípios 'palpáveis', ainda que afastados do senso comum."

Para Pascal temos um outro tipo de conhecimento, que é ao mesmo tempo singular e universal: o do coração. O "*coeur*", que assimila o real a partir do âmago da pessoa. Não há como confundí-lo nem com o sentimento nem com a emoção, pois, ao contrário, "*as paixões impedem o homem de se conhecer e de se salvar*". Esta forma de conhecimento foi chamada por Pascal de "*esprit de finesse*", que nos faz descobrir as grandes verdades da vida, assim como, também, os valores e os segredos da existência.

As certezas do coração não são provadas pela razão. A razão é o conhecimento discursivo, demonstrativo, que funciona extraíndo conclusões de certas premissas dadas. O coração, uma forma única de inteligência, seria, ao contrário, o conhecimento imediato e intuitivo dos princípios, é a intuição dos princípios indemonstráveis. Quando diz que "*o coração tem razões que a razão desconhece*", Pascal não está afirmando que os sentimentos e a inteligência se opõem. Está mostrando que há no homem duas maneiras de conhecer: o conhecimento intuitivo e imediato de uma verdade (por exemplo, que o espaço tem três dimensões) e o conhecimento discursivo ou mediato de uma realidade (por exemplo, que a quarta proporcional é encontrada pela operação com os outros três elementos dados). Este famoso pensamento de Pascal é, na maioria das vezes, mal interpretado ao estender-se como as "coisas do coração" às paixões do amor. Mas por "coração", "sentimento", Pascal abraça tudo o que está relacionado com Deus. Isto é, tanto a fé como a graça. Como escreveu ele: "*É o coração*

*que sente a Deus, e não a razão. Eis aí o que é a fé: Deus sensível ao coração e não à razão” (fr.278).*

A fé é um verdadeiro conhecimento que está acima da razão dos sentidos (mas não é contra eles), que tem por objeto próprio as coisas sobrenaturais e reveladas, que dependem da instituição divina, a que só podemos ser levados por meio da graça. Pascal não afirma que a razão ou o coração é que deveria tomar conta do ser humano. Diz que ao homem é impossível ater-se a apenas uma de suas potências de conhecimento. Ressalta porém, que quando fixado exclusivamente na razão, o homem anseia medir as coisas de naturezas diferentes. A crença na razão, como modelo de comensurabilidade, o leva a caminhar para além de seus domínios. Ao fazer dela a medida de todas as coisas, o homem se engana ao investigar a natureza e Deus.

Para Pascal existe somente um ponto fixo no qual podemos nos firmar: Jesus Cristo. É este ponto fixo que nos permitirá acalmar a inquietude da alma. Todavia, este ponto se localiza fora do universo físico e fora do homem, no espaço sobrenatural. Para alcançá-lo, o homem precisa transpor o nada de tudo aquilo em que deposita seus afetos, o que só é possível pela gratuidade da graça divina. Somente com a “nova luz”, inspirada por Deus em seu coração, é que o homem pode encontrar, fora do espaço físico e de si mesmo, o ponto fixo. Em torno desse centro poderá ir se fazendo. Logo, mesmo não sendo centro o homem não se encontra descentrado.

## **A GRANDEZA E A MISÉRIA HUMANA**

A filosofia de Pascal de um lado não busca interferir nos avanços científicos, de outro não desconsidera a dimensão religiosa do homem. A filosofia pascaliana quer demonstrar que, por mais que haja progresso no conhecimento científico, este não pode satisfazer a alma humana, pois ele, por sua própria natureza, requer objetos sensíveis. A alma humana só pode satisfazer-se plenamente com a própria divindade. O Deus escondido, pois para Pascal a graça não é contínua, requer

do homem um contínuo esforço para não perder o verdadeiro bem. Esses esforços que não significam, porém, que Deus infalivelmente nos salvará, dão sentido para a nossa existência, pois somente o bem verdadeiro dá sentido à vida. O progresso científico não implica automaticamente no progresso do homem. Somente o ser aberto a Deus se localiza no limite do tudo ou nada.

Pascal situa a existência neste limite, pois o homem não é um ser suficiente em si mesmo, pois é um ser transfigurado pelo sobrenatural. A razão humana e a vontade não tem capacidade de descobrir o verdadeiro bem, ou seja, descobrir a instituição divina, Deus. Portanto, o homem, não tem como, por suas forças, chegar até Deus, e por isso continua com o vazio que o torna infeliz. Portanto, em virtude de nossa natureza humana, não temos a possibilidade de buscar um bem verdadeiro.

O filósofo francês tende então a demonstrar-nos que existe uma certa grandeza na miséria humana. Se é possível fazer alguma coisa útil ao homem, isso implica que, mesmo miserável, ele é capaz de abrir-se para Deus. Esta suficiência, embora precária, está presente também na aposta pascaliana. Ao demonstrar que a existência divina é indemonstrável, o argumento da aposta ao mesmo tempo leva o homem a compreender que são suas paixões que impedem de crer na existência divina e não a razão. A incapacidade daqueles, cujo espírito funciona como o de um geômetra, em crer na existência divina se deve a esta paixão: o hábito de admitir somente aquilo que é provado. Este obstáculo pode ser superado se o descrente se deixar levar por uma paixão contrária, a de praticar as obras externas da fé mesmo não tendo fé. Esta prática poderá despertar nele a idéia da existência divina.

Para Pascal, o natural para o homem decaído, são os vestígios de sua grandeza primeira. Por trazer estes vestígios, que o levam a buscar a verdade e a felicidade, é que Pascal vê a possibilidade de o homem abrir-se para Deus. Contudo, portador de uma natureza corrompida, os hábitos se tornam naturais para ele ou, como afirma Pascal, uma espécie de segunda natureza. Para despertar seus instintos, isto é, seus sentimentos naturais, é necessário que o homem combata seus costumes com costumes contrários. A prática das obras externas da fé é a maneira que tem de combater seus costumes e, com

isso, despertar os sentimentos naturais, que poderão levá-lo à crença na existência divina. Com a disciplina mecânica dos costumes, o homem pode vencer suas paixões e assim, aplainar a via para a busca Deus, pelo sentimento, as inspirações e a razão.

A busca de Deus, que já implica numa "fé racional", levando o homem a uma postura humilde, de reconhecimento de que a razão é incapaz de provar a divindade, desperta nele também a liberdade de consentimento. Embora enfraquecida devido à queda, a liberdade de consentir leva o homem a orientar sua vontade na direção das razões para crer. Estas razões se assentam na própria vontade que não se satisfaz com bens tão perecíveis quanto à própria existência, bem como na razão que exige a plenitude da verdade. O bem verdadeiro, que a alma humana busca, deve necessariamente ultrapassar o limite do finito. Há razões, portanto, para que o homem creia que somente Deus é o soberano bem do homem, mesmo não podendo atingi-lo. Pelos vestígios da grandeza primeira, ele pode abrir-se para Deus.

Através dos vestígios de sua grandeza primeira, que o homem ainda conserva, lhe confere a possibilidade de se abrir para Deus, há um certo poder, embora relativo, na natureza humana. Este poder, que Pascal reconhece presente na natureza humana, não leva o homem a realizar sua natureza transfigurada pelo sobrenatural. Sem Deus, o homem não realiza sua natureza. Entretanto, ele é capaz de viver como se Deus existisse. Peregrino, o homem pascaliano é um ser que se vai fazendo. Nesta peregrinação, quando a graça divina se unir à miséria humana, o homem poderá encontrar-se face a face com seu ser autêntico, tal como é no seu coração.

Com a grandeza e a miséria presentes no homem e contrapondo sempre estes opostos, Pascal mostra o que é indemonstrável pela razão: grandeza e miséria presentes em um mesmo sujeito. Partindo de um fundamento teológico, mostra o que a razão é incapaz de demonstrar: o homem real. Estes opostos são próprios de um ser corrompido, mas que traz vestígios de sua grandeza primitiva. A idéia da felicidade e a imagem da verdade são vestígios da grandeza primeira

que o homem decaído ainda conserva. Por isso mesmo é que busca incessantemente o repouso. Na busca de repouso, o homem pode atingir verdades, porém sem conhecer a "*Razão de todas as coisas*", Deus, estas verdades serão apenas parciais. Sem o conhecimento da dupla condição humana, que só é possível pelo conhecimento de Deus, todas as verdades a que se chega ao investigar racionalmente o homem, são apenas verdades parciais. Sem conhecer Deus a razão não consegue medir toda a dimensão humana. O homem ultrapassa infinitamente toda e qualquer concepção racionalista do homem.

Pascal aponta os limites da razão humana, que a impedem de chegar à verdade plena, bem como os encantos da concupiscência que prendem à vontade levando-a a desviar-se do verdadeiro bem. Eles mostram o extrativo da natureza humana. Com efeito, mesmo despertando aquilo que lhe é natural e, vindo assim a abrir-se para Deus, o homem não consegue avançar em sua busca do bem verdadeiro. As coisas divinas e as coisas do mundo atraem-no em igual proporção. O meio entre o tudo e o nada é o seu lugar. A balança é o modelo pascaliano para ilustrar a imobilidade humana entre o tudo e o nada. Contudo, neste meio, que é miséria humana, está a força do homem. Pois a certeza de que o verdadeiro bem somente é Deus e a incerteza de poder atingi-lo, levam-no à inquietude. Se na miséria está a força humana, a inquietude constitui tal força. A busca humana de centramento ilustra a inquietude pela ausência de centro. O próprio progresso científico, em desproporção à magnitude da questão existencial provoca a inquietude. Este estado da alma, presente no homem fendido pelo sobrenatural, Pascal busca levá-lo ao extremo.

Para Pascal, as razões que há para que o homem direcione sua vontade e passe a viver como se Deus existisse, mesmo na incerteza se será atingido pela luz divina, são redobradas pela infinita misericórdia divina. Por que Deus é infinitamente misericordioso, há razões para o homem esperar em Deus, mesmo não tendo a fé inspirada pela própria divindade. Ao homem, cabe fazer tudo o que depende dele para preparar sua alma para receber a graça divina. Na inquietude e na

incerteza, é que o peregrino caminha e vai construindo sua existência sem encobrir sua precariedade

Não seria só no “infeliz e no sensato” que a inquietude pode estar presente, ela está presente também no “homem justo”. Mesmo encontrando o verdadeiro bem, o homem permanece inquieto. “(...) *Não me procurais se não me possuídes. Não te inquietes, pois*” ( fr.555). Estas palavras que Pascal coloca como se fossem de Jesus Cristo, mostra que não é a busca do verdadeiro bem que inquieta o homem, pois já o encontrou com o auxílio da graça divina, mas o temor de perdê-lo. A inquietude gerada pelo temor provoca no homem toda sorte de esforços para não se desprender do bem verdadeiro. É pelo esforço que o homem não consente que o verdadeiro bem lhe seja tirado.

Podemos então verificar que, enquanto a vontade não é livre para sentir, a razão é livre para consentir, e assim fica demonstrado a importância do esforço humano, vale dizer, o movimento infinito entre o tudo e o nada. Com o auxílio da luz divina, a razão leva o homem a conhecer que não há nada de mais amável senão Deus e que este bem verdadeiro não pode ser tirado e não ser daqueles que o rejeitam. A razão, portanto, com o auxílio da graça divina, pode intervir quando a vontade, sem a graça, desvia do bem verdadeiro.

Pascal resgata a miséria humana como um fato até necessário: ao reconhecer que há verdades que ultrapassam sua compreensão racional, o homem pode se abrir a estas verdades e aderir, com o auxílio da graça, ao bem verdadeiro. Com efeito, se o homem pascaliano não tem poder de reconhecer e de atingir o verdadeiro bem, ele tem a possibilidade de, ao ser ajudado pela graça divina, aderir e tentar não se desprender desse bem.

Devido ao reconhecimento de uma certa suficiência na miséria humana é que Pascal pode atribuir o centro do homem a Jesus Cristo, pois, embora Jesus Cristo tenha morrido para salvar somente seus eleitos, a possibilidade de o homem se redimir é oferecida a todos. Todavia, o fato de reconhecer e de tentar não se desprender do bem verdadeiro não implica na salvação do homem, mas no reconhecimento

de que não há nada de mais amável do que Deus e que este bem pode ser partilhado por todos. Jesus Cristo, portanto, ao responder às exigências da razão em sua busca por um bem universal, o leva a procurar não consentir que a vontade se desprenda desse bem.

Na alma humana, a inquietude pode levar o homem a se tornar digno de Deus. Se é possível fazer alguma coisa útil pelo homem, tal coisa seria levá-lo a compreender que, embora seja indigno de Deus, é capaz de tornar-se digno. A própria razão, ajudada pela luz divina, contribui para isto. O homem, portanto, deve participar com suas potências para se tornar digno de Deus. Até mesmo sem o socorro divino, pois como vimos, na medida em que o homem reconhece que são suas paixões e não a razão que o impedem de crer na existência divina, ele pode se abrir para Deus.

## CONCLUSÃO

Há elementos, em Pascal, que apontam para a participação do homem na realização de sua natureza transfigurada pelo sobrenatural. Esta realização, porém, não se dá na vida intramundana. Portanto, a participação humana não implica no progresso do homem, mas na responsabilidade por sua própria vida: todos os homens devem viver como se pertencessem aos escolhidos. E isso, que se justifica pela misericórdia divina, indica que o homem, em peregrinação, tem o poder de preparar sua alma para receber Deus. Assim, embora não tenha poder de realizar sua natureza, em Pascal ele tem poder de se preparar para que Deus a realize.

A norma de vida que Pascal sugere para todos os homens, não é contrária à natureza humana, pois o centro indicado por Pascal não só responde às exigências da razão, como também corresponde ao mais profundo estado da alma humana: o homem busca incessantemente o repouso e não suporta o repouso total. Sua existência é marcada pelo movimento. Estando fora do espaço físico e fora do homem, o centro (Jesus Cristo) pascaliano lança o homem no movimen-

to. Neste movimento que é feito de inquietudes e incertezas, a miséria humana é grandeza, a fraqueza é a força, o temor é mesclado pela esperança e a esperança pelo temor, a certeza pela incerteza, a alegria pela tristeza. Portanto, se Pascal é contrário a um humanismo imanente, sua filosofia aponta para as possibilidades de uma natureza transfigurada pelo sobrenatural: o homem “ultrapassa infinitamente” o homem, pois, indigno de Deus, não é definitivamente incapaz de se tornar digno.

### BIBLIOGRAFIA

PASCAL, Blaise. Pensamentos. Col. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1.973.